

VIRTUAL

Por Gilberto Pavoni Junior



# Escritório, para

Os virtual offices caem no gosto do brasileiro. Abandonando símbolos de status como impressora e mesa próprias, além de uma secretária para dar ordens, muitos executivos já aproveitam a economia e facilidade desses ambientes que combinam perfeitamente com as empresas modernas

A ADVOGADA DANIELA XIMENES TEM UMA DURA ROTINA DE TRABALHO. ELA FOI DESIGNADA COMO COUNTRY MANAGER PARA o BRASIL DE UMA EMPRESA DE AGRIBUSINESS QUE ESTÁ ÁVIDA PARA ENTRAR NO MERCADO LOCAL. Seu dia-a-dia é recheado de viagens, conversas com os executivos estrangeiros, reuniões com futuros parceiros e prospecção de mercado.

Mas ela abriu mão de ter um local fixo de trabalho. Em vez de um escritório para servir de base, ela usa os serviços de um virtual office e um laptop

carregado de programas de comunicação pela web. "Enquanto o negócio não se realizar, não há motivos para ter um endereço com salas, logomarca e funcionários", diz.

A futura executiva pode se considerar uma pioneira. De acordo com dados da Associação Nacional de Centros de Negócio e Escritórios Virtuais (ANCNEV), 60% dos brasileiros não sabem o que é um virtual office. Dos 40% que sabem, somente 20% utilizam esse ambiente para trabalho. No Brasil, o desconhecimento começa a ser esclarecido. "As pessoas pensam que se trata de algo ligado a

software e não que é uma facilidade para a empresa moderna", explica secretário da ANCNEV, Paulo Karnas. A culpada é a palavra virtual.

Nos dias atuais, isso remete a algo no estilo de sites como o



# quê?

Second Life ou aplicativos para trabalho remoto. Na verdade, os escritórios virtuais são apenas ambientes de trabalho comuns, mas que podem ser alugados por algumas horas e, assim, compartilhar os custos com outros usuários.

Se a definição é enigmática, os benefícios passam longe disso. A economia pode chegar a 60% se comparada a tudo que um escritório próprio consome.

Empresas de todos os portes podem utilizar essa facilidade. Na época das privatizações, as companhias de telecomunicações adotaram este modelo antes de definirem a participação na economia nacional. Mesmo

hoje, é possível ver executivos desses e outros segmentos alugando esses serviços.

Em média, cada empresa de escritórios virtuais possui 20 salas à disposição dos clientes. Todas têm ao menos um ponto para conexão com internet de banda larga, um telefone e mobília. Algumas parecem reais com os cubículos que os funcionários de grandes empresas estão tão acostumados, mas com teto e porta.

Esse tipo de sala pode sair por 25 reais a hora, dependendo da localização e da empresa que aluga. Há também serviços mais simples, que só fornecem um endereço para legalizar a empresa e atendimento especializado para as chamadas telefônicas e correspondências.

Toda a infra-estrutura que costuma dar dor de cabeça para administrar fica por conta da empresa que aluga. A telefonia e a tecnologia da informação são garantidas. Isso envolve DDR

para desviar chamadas para celulares e o fornecimento de algum software específico para a rotina do executivo. Digitação, fotocópias, impressões, mensageiros e serviços desse tipo são cobrados à parte. Café, limpeza, banheiros, segurança e toda a infra-estrutura acabam tendo os custos compartilhados pelos usuários.

Quem opta por esse modelo abre mão de muita coisa que poderia ser considerado status há alguns anos. "Tem gente que estava acostumada a ter secretária própria, mas isso aumenta os custos para quem está começando o negócio ou fica muito tempo em viagens", define a diretora de uma dessas empresas, Mari Gradilone, da Virtual Office. Um exemplo de como os

17

## Termômetro da economia

Profissionais liberais formam o maior grupo de usuários de escritórios virtuais. São desde consultores, empreendedores de start ups, até jogadores de futebol e artistas. Outros tipos de usuários começam a utilizar esse serviço e vêm mostrando que o setor pode se transformar em um bom termômetro da economia. Há alguns anos, foi forte o movimento de pessoas que tinham sido terceirizadas por suas firmas, o que encaixa muito bem com o crescimento de outsourcing que o País viveu. Hoje, muitos funcionários habilitados com o que existe de mais moderno em termos de mobilidade corporativa já são clientes cativos dos escritórios virtuais. O último movimento interessante, notado pela diretora da Virtual Office, é a chegada do RH das empresas que enfrentam o enxugamento das estruturas. "É tímido, mas se pode dizer que é constante", esclarece Mari Gradilone.

brasileiros estão se acostumando com esse novo conceito é a unidade que a empresa abriu há três meses na avenida Paulista, o endereço mais concorrido de São Paulo, com 200 metros quadrados. A lotação já chegava a 90% no início de novembro, o que gerou novos planos de ampliação,

A Virtual Office nasceu há 14 anos e vive agora o melhor momento, assim como todo o setor. A empresa cresceu 70% nos últimos cinco anos e Mari prevê um crescimento contínuo de 15 a 20% nos próximos períodos. A expectativa é confirmada pela ANCNEV. A entidade prepara uma pesquisa para 2008 que dará o exato tamanho do mercado. Mas seu secretário já adianta: "Essas empresas não crescem mais porque não há tantos imóveis à disposição", diz Karnas.

### Momento de sair

Existe um momento de abandonar toda essa ilha de compartilhamento de recursos e caminhar para custos próprios. Quando uma empresa alcança um amadurecimento, é hora de procurar um endereço próprio e começar a administrar mais coisas do que apenas o logotipo em um cartão. Foi o que ocorreu com a companhia de software Vignette, no final de 2006.

O Ano Novo começou em novo endereço e longe dos escritórios virtuais da Regus, com os quais a empresa ocupava

120 metros quadrados e tinha até um ambiente exclusivo, com porta de vidro e logomarca. "Os custos de um escritório virtual são interessantes no começo, hoje temos condições de abrir um local próprio", destaca o presidente da Vignette, Eduardo Kfourri. Em quase sete anos como cliente, a empresa não tem queixa do nível de serviço dos escritórios virtuais. Contudo, o amadurecimento em que ela se encontrava em 2007 acelerou a decisão de mudança.

### Um futuro colaborativo

Escritórios virtuais são ótimos e cabem no bolso, mas poderiam ser melhores. Num espaço no qual circulam dezenas de boas cabeças e muita experiência distinta, era de se esperar uma imensa troca de idéias. Mas não é isso que acontece. "Às vezes a gente



**Eduardo Kfourri, da Vignette: a empresa passou quase sete anos em um virtual office**

conversa no café ou no corredor, quando se encontra, e só. Isso poderia ser mais produtivo", diz a advogada Daniela Ximenes.

A Virtual Office planeja criar um portal para troca de idéias e geração de comunidade em 2008. O objetivo é fazer dos escritórios virtuais um espaço para que os executivos se inspirem e troquem idéias. Esse é o futuro desses negócios. **B2B**

## Mudando a rotina

Do escritório comum ao virtual, há uma série de mudanças culturais. Veja algumas dicas para não estranhar sua nova rotina.

- ✓ Tenha um controle de tempo rígido – sempre se corre o risco de trabalhar demais ou adiar constantemente as coisas a serem feitas.
- ✓ Planeje seus custos – telefonia e serviços como impressões e fotocópias têm o preço mais alto nos escritórios virtuais.
- ✓ Seja produtivo – aproveite ao máximo sua estadia na sala e o horário de reuniões.
- ✓ Procure um local adequado – se você viaja muito, escolha um local com fácil acesso a aeroportos e táxi.
- ✓ Seja mais do que chefe – embora você não possa exigir atenção total, mantenha todos os funcionários informados sobre seus negócios e clientes.